

Símbolos do Esporte: A mitologia como elemento de produção de sentido no contexto esportivo comunicacional¹

Marcelo Bernardes FARINA²
Ana Luiza Coiro MORAES³
Faculdade Cásper Líbero, SP

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e ampliar as condições de significação dos discursos míticos inculcados no comentário de Maurício Saraiva, da Rádio Gaúcha. Os mitos responsáveis pela interpretação da realidade e produção de sentido redesenham os valores simbólicos que a atividade esportiva introduz na sociedade. Essa correlação é intermediada pelo emprego dos estudos culturais e do circuito da cultura como tradições teóricas responsáveis pela compreensão da sociedade e respectivas conduções de transformações decorrentes. Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que aborda a interação das condições de produção dos comentaristas da Rádio Gaúcha com o significado nos processos de recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Mitologia; Circuito da Cultura; Esporte.

1 Introdução

As relações sociais inculcadas no meio ambiental de inserção dão suporte a todo um processo de significação, com a ênfase apropriada dos fenômenos cotidianos e suas emergências. No contexto esportivo, comportamentos e condutas recorrem indissociavelmente desses aspectos que fomentam as identidades culturais e práticas vividas de um sistema social, conforme Hall (2003). A compreensão desse panorama de assimilação das experiências e suas evoluções sócio-históricas é um princípio básico da tradição dos estudos culturais – corrente de pesquisa multidisciplinar consolidada no aprofundamento originário dos modos de vivências e suas respectivas abrangências culturais.

Contudo, esse percurso de significação até a materialização de experiências identificadas dentro de áreas específicas como o esporte pode dar-se de diferentes

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais, do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, email: farinabmarcelo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, email: alcmoraes@casperlibero.edu.br

maneiras. Essas perspectivas pelas óticas de interpretação adotadas dentro de uma singularidade de construções associativas e simbólicas do real. Hall (2003) define esse processo originário de identidades culturais abstratas como representação. Por outro ângulo, corresponde ao mecanismo de discernimento pelo qual o indivíduo vai compreender o mundo e tudo que ele abrange. O meio social, com seus grupos de interação, é um agente fundamental na concepção do cotidiano de relações e consequente reflexão do mesmo. No entanto, para se atingir essa materialização simbólica dotada de significados, é fundamental a utilização de mecanismos oriundos das práticas sociais, que decodifiquem e determinem o direcionamento dessas mensagens e visões impregnadas no meio de inserção.

Um dos instrumentos eficazes de representação e compreensão da realidade é, sem dúvidas, o pensamento mítico e seus elementos de significação. A linguagem dos mitos é permeada por símbolos que, muitas vezes, extrapolam as fronteiras de uma interpretação embasada na comprovação racional dos fenômenos, dando ênfase, não apenas a distintas realidades, mas, especialmente, na humanização das narrativas e na busca por conhecimentos interligados a crenças, agregando valores representativos na cultura universal.

Os mitos fomentam interpretações baseadas nas experiências vividas e suas derivações, estabelecendo produção de sentido abstrato, mas, intrinsecamente conectadas com a vida humana e aos modos de pensar e conduzir a sociedade. Assim, justifica-se a afinidade da significação mítica com os estudos culturais, tendo em vista que a mitologia não apenas enriquece o cotidiano de experiências e construção de identidades, mas, acima de tudo, estabelece parâmetros menos rigorosos e mecânicos da imaginação e comportamento humano, permitindo a criatividade e a implementação de condutas espiritualizadas e que fortaleçam a relação do ambiente externo com o inconsciente humano.

Considerando esse contexto, torna-se mais viável compreender as narrativas do universo esportivo, em que a passionalidade é um elemento norteador de hábitos e comportamentos no meio, despertando, muitas vezes, reações limitadas ao entendimento puramente científico. Mais, especificamente, no futebol, a paixão clubística extrapola limites aceitáveis e o comportamento do perfil de sujeitos torcedores mediados e amparados pela ordem sócio-cultural escapam de uma decifração concreta e embasada exclusivamente em aspectos estruturais sociais.

Considerando o papel da comunicação na mediação fundamental das relações sócio-culturais e fomentador de identidades, é mais do que natural a presença do mito no discurso midiático, em especial, nas mensagens do jornalismo esportivo, tendo em vista que essa editoria assume o papel de interligação das práticas sociais e, conforme a ideia do circuito da cultura, teorizado por Hall (2003), as práticas culturais que inferem sobre os ambientes de produção e recepção são complementares e, com isso, se convergem em um mesmo propósito de significação. Além do mais, está impregnada no compromisso jornalístico a indispensável vinculação da mensagem com a defesa e representação dos caracteres de formulação essencial da identidade do público, estando de acordo com a demanda de orientação do bem comum, princípio fundamental da atividade jornalística, conforme Vicchiatti (2005).

Diante de todas essas circunstâncias, as narrativas oriundas da produção jornalística esportiva são dotadas de um perfil mais lúdico e menos rigoroso em seus formatos técnicos, considerando a natureza de entretenimento que o esporte admite em uma sociedade, como avalia Tavares (2011). Isso está diretamente relacionado com a forte influência da paixão nessa categoria relacional e discursiva, moldando teores das mensagens e posteriores significações subjetivas culturais das mesmas. Essa perspectiva menos concreta e mais simbólica nas narrativas estimulantes de reações entrelaçadas à noção de religiosidade representa a concepção mítica de muitos discursos desse campo produtivo. A simbolização de personagens e acontecimentos do ramo em circunstâncias de mobilização e comoção em uma atividade como o futebol e sua estereotipização cotidiana sintetiza os modos de abordagens detentores de teor mítico no esporte.

A partir dessas considerações, o objetivo deste trabalho busca identificar os mitos presentes nos comentários esportivos da Rádio Gaúcha – extraídos da análise produtiva e de construção, realizada por Farina (2015) – com suas potenciais abstrações e significados no contexto sócio-cultural. Essa decodificação da linguagem mítica serve como subsídio para entender a produção de sentido e seus enlaces no meio esportivo, inculcados na recepção dessas mensagens, conforme objetivo da dissertação de mestrado do mesmo autor desse presente trabalho. O *corpus* de análise é composto pelo comentário de Maurício Saraiva, veiculado no programa Hoje nos Esportes, da Rádio Gaúcha. O comentarista foi escolhido pela maior profundidade e domínio argumentativo enquadrado em caráter global do meio esportivo, determinando a pluralidade discursiva e, assim, correspondendo ao compromisso primordial do

jornalista de direcionamento norteado pelas demandas de seu público, conforme Marques de Melo (2003). A exploração das condições de produção já realizada em 2015, com a análise e entrevistas em profundidade das mesmas mensagens, traz maior conhecimento a respeito do meio, com interpretações e implicações contextuais necessárias para se desvendar a significância dos mitos, assim como os próprios rituais de conduta dos jornalistas, que também podem servir como pré-requisitos para o enquadramento circunstancial dos mitos na mensagem. A técnica adotada para o tratamento dos dados é análise de conteúdo, conforme referência de Guerra (2006). A seguir, são trazidos alguns princípios norteadores da identificação e do conhecimento mítico, assim como condutas do meio esportivo, em especial, no âmbito jornalístico, que trazem o contorno mítico e seus modos simbólicos de significação.

2 Mitos e significados

Nos períodos de formação da espécie humana e posteriormente da sociedade comunitária, não existia o domínio do conhecimento científico e racional, responsável pelo domínio de técnicas de vivência e convivência no cotidiano contemporâneo. Diante de tal ausência, como apontado por Armstrong (2005), esses seres apegavam-se a crenças e modos de agir oriundos do próprio interior individual, dando a origem a valores subsidiários do conhecimento mitológico. Esse apego intenso à mitologia, não como modelo de assimilação preferida na concepção da realidade, mas, exclusivamente, como estratégia de sobrevivência, era alternativa obrigatória a seres humanos nascidos em períodos pré-históricos e, também, habitantes de comunidades indígenas.

É natural a esses povos indígenas pensar em termos de mitos e símbolos, pois possuem uma consciência profunda da dimensão espiritual da vida cotidiana, como nos informam antropólogos e etnólogos. A experiência do que chamamos sagrado ou divino tornou-se na melhor das hipóteses de uma realidade distante para homens e mulheres em sociedades urbanas industrializadas (ARMSTRONG, 2005, p. 14).

Isso ocorria pela necessidade básica de origem natural da espécie humana em atribuir sentido em suas ações, mesmo que não seja aquele sentido racional ou científico, os mitos preenchem as lacunas interiores associadas à sobrevivência em grande comunidade. Essa significação é muito sedimentada pelo poder do imaginário individual, que constrói narrativas situadas entre a razão e a ilusão, mas que se adaptam às necessidades daquele ser humano, sem descartar as trocas de experiências primordiais entre mitos e experiências culturais do ambiente externo, originando novas

formas míticas imaginativas e atribuidoras de sentido. O mito é o principal responsável pelo amparo – injustificável do ponto de vista concreto – em um universo imaginário e que abrange o despertar de sentimentos e emoções, responsáveis pela elucidação de crenças, religiosas ou não, e que tornam a condução da vida mais sustentável do ponto de vista cognitivo e interior.

Toda mitologia fala de outro plano que existe paralelamente ao nosso mundo, e em certo sentido o ampara. A crença nessa realidade invisível, porém mais poderosa, por vezes chamada de mundo dos deuses, é um tema básico da mitologia. Tem sido chamada de `filosofia perene`, pois alimentou a organização mitológica, social e ritual de todas as sociedades até o advento da modernidade científica, e continua a influenciar as sociedades mais tradicionais da atualidade. Segundo a filosofia perene, tudo o que acontece neste mundo, tudo o que vemos e ouvimos aqui em baixo tem sua contrapartida no reino divino, que é mais rico, forte e duradouro que o nosso. E cada realidade terrena não passa de uma sombra de seu arquétipo. O modelo original do qual é apenas uma cópia imperfeita. Só pela participação nessa vida divina os frágeis e mortais seres humanos realizam seu potencial (ARMSTRONG, 2005, p. 4).

A referida interligação para o divino é a grande base de atribuição significativa do conhecimento mítico, de modo que essa é a busca essencial da mitologia e suas narrativas compiladas. Determinados fenômenos e atos pouco compreendidos, ou mesmo identificados, em uma corrente de pensamento mais científica e menos filosófica, admitem a relevância no universo paralelo arquitetado pela linguagem mítica. É justamente essa dominação e ingerência dos sentidos abstratos sobre o cotidiano humano que, primeiramente, originam, e depois convencenam muitas identidades e culturais e expressões materiais concretas (ARMSTRONG, 2005)

Da mesma maneira, muitas transformações globais – não compreendidas em primeira instância, pela precisão didática do conhecimento racional – são induzidas pelo imaginário mítico. Tudo isso é possível, devido à vinculação indispensável com o universo concebido pelo poder divino ou sagrado, como refere Mircea Eliade (1992). Não fosse essa concepção, muitas crenças, seitas e valores religiosos dotados de fé e de circunstâncias específicas e passionais, não admitiriam nenhum sentido prático ou função de existência na relação com o cotidiano. Essa premissa cristaliza e convencionam visões simbólicas, sujeitas a interpretação e aceitação, de objetos e seus fenômenos mundanos enraizados. A preponderância dessas realidades sagradas é refletida por Eliade (1992), em torno do conceito de hierofania.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se

em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque `revelam` algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere* (ELIADE, 1992, p. 13).

O pensamento mítico, dominante nas primeiras aparições da civilização e até a Idade Média, atravessou contestações e uma espécie de oposição, quando da eclosão do Iluminismo e necessidade imposta pelos intelectuais da época de centrar a explicação das causas do cotidiano em torno da razão. Mesmo com a evolução e enquadramento do universo sob a ótica da ciência, os mitos não tiveram seu valor descartado, conforme Armstrong (2005), muito pela necessidade como ser humano referida anteriormente de atribuir aspectos sensoriais e derivados de crenças às experiências vividas, tensionando as condutas sociais em uma perspectiva menos sistemática e mais dinâmica, energética e guiada por sentidos imaginários, que enriquecem a identificação humana dos percursos explorados. Eliade (1992) foi responsável pela reflexão entre os pensamentos mítico e racional em sua obra “Sagrado e Profano”, abordando o perfil do homem religioso e do não religioso, atribuindo ao mito o papel de enlace dos indivíduos com objetos de crenças e reações de cunho sensitivo.

Afim de que o mito garanta a função básica de sua existência, ou seja, a produção de sentido, é necessária a assimilação de um modo pelo qual esse contorno narrativo anexo ao imaginário interaja com os agentes e objetos que vão possibilitar a representação da história ou versão cristalizada subjetivamente. Desse modo, o maior instrumento responsável pela consolidação discursiva do mito é a linguagem. Por meio dela, são estabelecidos parâmetros de significação e simbolização que o mito vai abrigar em sua materialização, respeitando a sua origem e a individualidade interpretativa, assim como os respectivos elementos formadores da cultura já estereotipados.

A mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento, e que não desaparecerá enquanto a linguagem e o pensamento não se superpuserem completamente: o que nunca será o caso. Indubitavelmente, a mitologia irrompe com maior força nos tempos mais antigos da história do pensamento humano, mas nunca desaparece por inteiro. Sem dúvida, temos hoje nossa mitologia, tal como nos tempos de Homero, com a diferença apenas de que atualmente não reparamos nela, porque vivemos à sua própria sombra e porque, nós todos, retrocedemos ante a luz meridiana da verdade. Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual (CASSIRER, 1992, p. 19).

É o ponto que envolve a linguagem, ou seja, o momento de seu amadurecimento e conseqüente simbolização como versão narrativa, que relaciona a expressão mítica com as experiências já consolidadas em determinadas comunidades – muitas delas também derivadas de mitos anteriores – e, com isso, aproximando a decodificação mítica das vertentes praticadas nos estudos culturais e seus mecanismos de representações (CASSIRER, 1992).

Assim, como ocorre na recepção, a decifração e posterior maturação do mito também estão relacionadas com as práticas decorrentes de experiências provindas do ambiente social, pois, estas são as responsáveis pela consolidação de símbolos, que atuam em forma de linguagem e traduzem o significado do mito. No entanto, reações internas e processos de estímulo-resposta com o inconsciente ocorrem de modo mais intenso do que em outras mensagens comunicativas em geral, pois a vinculação mais aprofundada ao imaginário e a órgãos responsáveis pelas relações vitais tende a resultar em maiores associações de sentimentos. Tanto que a abordagem mítica admite uma propensão interdisciplinar, ao ser objeto de estudo também na psicanálise, por Carl Jung.

Se a cultura interfere na naturalização do mito, o movimento contrário também é válido. Mitos já consolidados servem de esteio para o despertar de novos fenômenos cotidianos, em distintas áreas de atuação, como o esporte. Como visto anteriormente, a proximidade com o “sagrado” e a religiosidade plena fortificam convenções e muitas delas, sob a condução mítica, acabam se incorporando aos grupos de influência e mediações de condutas e práticas sociais, segundo a tradição de recepção comunicacional das mediações, endossada por Martin Jesús Barbero (2008).

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam durante o círculo básico e mágico do mito (CAMPBELL, 1995, p. 15).

As formas míticas e suas aplicações na sociedade demonstram como a referida concepção de interpretação mundana é necessária para a exploração de uma sociedade tão complexa e incompreensível apenas pela tangibilidade dos fenômenos. A gama de associações simbólicas, entrelaçadas ao contexto, e provedora de reações recheadas de

sentimentos muitas vezes ainda não caracterizados sob uma ação prática, sintetiza os obstáculos ao alcance mais esclarecido dos comportamentos em ambientes de forte religiosidade passional como na área esportiva.

A relação comunicacional entre imprensa e público do ramo segue esse mesmo paradigma, de modo que a comoção e mobilização incomum de personagens do esporte como torcedores, atletas, dirigentes e a própria mídia, só pode ser compreendida na associação simbólica por meio do pensamento mítico. Dessa forma, a perspectiva de recepção e a consequente explanação de visões de mundo decorrentes pode ser melhor discernida se contextualizada e relacionada de acordo com os paradigmas da linguagem mítica, entrelaçada no processo e implícita na mensagem midiática.

Comportamentos atrelados a essa significação mítica são, na simbologia mítica, denominados como rituais, segundo Armstrong (2005), e são eles que incorporam o sentido agregado e transmitem o pensamento mítico traduzido e adaptado ao cotidiano contemporâneo. A seguir, será explanada a reprodução da aplicabilidade mítica no contexto esportivo, relacionando tanto os aspectos da emissão midiática quanto a significação decodificada da recepção.

3 Mito e esporte

Antes de mais nada, é fundamental retomar o conceito de circuito da cultura proposto por Hall (2003), pois ele é base para o entendimento de que as atribuições relacionais da sociedade esportiva transitam entre os dois pólos da comunicação, produção e recepção, o que justificaria o deslocamento e complementaridade associativa dos mitos e demais elementos contidos no segmento.

O futebol no Brasil apresenta-se como uma atividade de elevado clamor e, com isso, é enraizado nas culturas de massa da nação, servindo de amparo para inclusão interacional não apenas na identidade representativa da sociedade, mas, também, nas relações cotidianas que se desenvolvem inseridas diretamente nessa categoria. Ainda que a produção de sentido do futebol esteja associada às origens sociais populares e ao contexto político e econômico do país, é impossível dissociar sua materialização da simbologia dos mitos.

A atividade futebolística foi concebida sob a perspectiva esportiva e de entretenimento em distintas comunidades globais. No entanto, os significados desse jogo foram muito mais profundos e irrestritos a essa ação em seu sentido literal. A

institucionalização de muitas agremiações clubísticas, com novas identidades particulares, agregada ao contexto de mobilização expandida, suscitou a cristalização de várias versões míticas e simbólicas. Uma das mais representativas e transparentes é o vínculo afetivo de cidadãos com clubes de futebol, equiparando o ato de torcer a uma crença dotada de rituais e de expressões publicizadas de sentimentos.

Provavelmente quando foi inventado, o futebol não tinha ideia do alcance e da aceitação que teria nos quatro cantos do mundo em um período relativamente curto de tempo da humanidade. Ao colocarmos em pauta também a paixão, a pergunta clássica de quem veio primeiro, se o ovo ou a galinha não se faz necessária. Se a primeira bola foi chutada em meados do século XVIII, o nascimento da paixão pelo esporte tem data imprecisa, mas evidentemente esta veio depois. É possível afirmar que a paixão é o combustível do futebol. Sem ela o esporte mingua, vira lazer e aproxima-se dos demais esportes de menor capacidade de mobilização praticados em qualquer lugar do mundo (FONTOURA, 2014, p. 23).

Como percebe-se no relato de Fontoura (2014), a ligação afetiva com o futebol e suas agremiações é o mito em questão, pois, o sentido literal da bola e do campo que representa o jogo em si, é encoberto pela conotação simbólica. A paixão acaba sendo ressignificada por rituais do meio esportivo como a presença massiva em jogo dos clubes, acompanhamento cotidiano de informações, vestimenta de uniformes das equipes, reuniões com outros torcedores e cânticos em apoio. O fato de indivíduos seguirem o clube em todos os passos reflete uma analogia com crenças e devoções, em que são reproduzidas emoções que trazem para o torcedor um significado em sua vida muito maior do que o simples conhecimento do esporte, correspondendo à função primordial dos mitos, segundo definição de Armstrong (2005). Esses sentimentos, oriundos da interpretação mítica do futebol sob o viés da paixão, são responsáveis pela maturação da identidade de muitos cidadãos, resultando em comportamentos no dia a dia que transpareçam essa feição. É nesse sentido que muitas das relações sociais acabam se sedimentando de acordo com a natureza e integração do posicionamento das afinidades futebolísticas. Considerando as consequências negativas dessa significância mítica traduzida pela paixão clubística, também é comum no esporte o exagero em algumas relações, muitas delas estigmatizadas como fruto do fanatismo descontrolado, como confrontos violentos entre torcidas.

Mesmo que um dos mitos mais recorrentes seja a simbologia da devoção aos clubes, outros significados também são elucidados pelo esporte. A integração social é um símbolo corriqueiro que admite grande relevância, de modo que para muitos torcedores o contato e sensação de pertencimento na comunidade, assim como a

participação em grupos de convivência é o grande sentido que traz o esporte, superando o interesse singular e concreto pela desenrolar da atividade de campo.

O fato de esses rituais cotidianos – originados de alguns dos mitos explanados acima – já terem se consolidado como práticas culturais, alcançou representatividade também no discurso jornalístico, trazendo em suas mensagens esses sentimentos conotativos do meio futebolístico por meio de um teor estigmatizante e já padronizado desses símbolos. A adaptação do discurso midiático aos mitos pode ser compreendida pelo próprio perfil da editoria esportiva, que adota um caráter menos formal e, em muitas ocasiões, abriu mão da precisão jornalística em benefício de narrativas compostas por significações míticas análogas emotivas ou humoradas, assemelhando-se a um espetáculo, conforme Barbeiro e Rangel (2013).

Essas referências trazidas sintetizam a maneira como o mito pode, não mudar a realidade e essência literal do esporte, mas ressignificá-las, trazendo atribuições e conotações míticas que admitem desdobramentos mais abrangentes e já consolidados no meio de interação – incluindo sua representação perante os agentes de mediação social, como os veículos de comunicação – resultando em práticas de elevada representação e propagação do alcance popular do esporte.

4 Interpretação dos dados

Segue abaixo o comentário esportivo da Rádio Gaúcho selecionado para interpretação, com base na identificação e exploração da significação dos mitos. A mensagem proferida pelo comentarista Maurício Saraiva foi veiculada no programa Hoje nos Esportes. O discurso é classificado no formato comentário do gênero jornalístico opinativo, segundo estudos de Lucht (2009), e foi extraído do trabalho de Farina (2015) com a transcrição referente à mensagem.

Análise do Comentário Maurício Saraiva – 21/08/2015

Luciano Périco: *Se tiver que escolher um para contratar, Maurício, entre Erazo e Maicon. Quem seria?*

Maurício Saraiva: *Aí eu vou pela faixa na braçadeira. É tão importante a figura do Maicon no meio campo do Grêmio, pelo passe, pela movimentação, pela organização do setor e pela liderança, que ele estaria à frente do Erazo nessa fila.*

Luciano Périco: *É mais fácil repor um zagueiro do que um cara de meio campo.*

Maurício Saraiva: *E que é seu capitão. Mas é uma escolha dura de fazer.*

Luciano Périco: *Daqui a pouco tem mais Maurício.*

Luciano Périco: *Faz muito bem o Argel. Acho que treino pela manhã é importante.*

Maurício Saraiva: *Já que nós não temos ainda a conscientização por parte de nossos jogadores de futebol na sua imensa maioria, essa consciência profissional, isso acaba vindo imposto. Imposto por um horário de treino. O ideal não era que fizesse um treino de manhã só para evitar que o cara fosse pra noite no dia anterior. Mas se não é assim, o que nós vamos fazer?*

Maurício Saraiva: *São duas razões que fazem o Zé Mário ser candidato a titularidade da lateral esquerda. Uma é a lesão muscular, o tal do desconforto muscular que o Geferson sentiu e saiu no*

intervalo. Outra, é que o Geferson vinha jogando mal e o Zé Mário, ontem, entrou muito bem, descontando-se o fato de que o Ituano não está no abecedário do futebol brasileiro, não está nem na Série D, mas, independente disso, o Zé Mário foi muito bem e vira candidato em uma posição que está em aberto.

Leonardo Acosta: Deixa eu colocar uma terceira situação: o Geferson pode ser vendido. Tem a negociação com a Sampdoria, a questão do prazo e do pagamento é a única coisa que está impedindo que esse acerto seja efetivado. É possível que até a hora da partida, no domingo, o Geferson seja vendido.

Luciano Périco: Muito bem, gurizada, cinco e quarenta e seis. Vamos para o intervalo aqui do Hoje nos Esportes.

Mensagem de ouvintes: “Fernandinho já merece uma vaga de titular no ataque do Grêmio, Maurício?”, Guilherme, de Rio Grande.

Maurício Saraiva: O Fernandinho tem espaço hoje para brigar pela posição que o Pedro Rocha foi abrindo. Pedro Rocha teve um momento em que todo o ataque do Grêmio era ele e ele fazia um gol a cada dois jogos, às vezes um gol a cada três jogos, média ótima. Mas de um tempo para cá, para ser exato depois de Grêmio 1 x 1 Sport, onde ele fez um gol, foi ficando esquisita a atuação e a performance do Pedro Rocha. Ele ainda fez um gol sem querer contra o Criciúma, na Copa do Brasil, e dali em diante, neça, nada mais. Se fosse só não fazer gol, mas foi também jogar mal. No meio disso, você vai lembrar, Luciano, teve aquele gol perdido contra o Fluminense, na área de chapa sem ninguém atrapalhá-lo, tinha o gol sozinho, e isso foi abrindo a posição. Enquanto não havia concorrência, tudo bem. Mas o Fernandinho passou a estabelecer concorrência com aquela sua entrada no Gre-Nal. Depois, virando o jogo com o Joinville, entrando bem contra o Coritiba, e a posição do Pedro Rocha abriu.

Luciano Périco: É aquela história, Maurício. O guri vai oscilar, vai fazer um gol e daqui a pouco vai perder um gol que não poderia perder, fácil. Mas é normal, Maurício.

Maurício Saraiva: É. O que a gente não consegue entender muito é o que está na cabeça do adolescente e virando adulto, quando ele lá pelas tantas se desconcentra, porque se você pensar, Lucianinho, não aconteceu nada de diferente na vida dele, está treinando todos os dias, ele está com mais confiança do treinador, do torcedor, mas alguma coisa dispersa na cabeça do cara, não só do Pedro Rocha, do jovem, como você disse, que é natural, por que que acontece isso? Quanto tempo depois o cara retoma? Isso é o que faz a diferença do cara que se afirma lá adiante e do jogador que fica no meio do caminho, ele logo volta pro centro e se consolida.

Mensagem de ouvintes: “Vocês não estão enchendo demais a bola do Inter? Foi só o coitadinho do Ituano.”, Jorge PC, de Canoas.

Maurício Saraiva: Jorge, eu tenho certeza que você ouviu o jogo de ontem pela Rádio Gaúcha e ouviu esse comentarista que agora volta a falar com você, dando o devido desconto, logo na abertura do comentário, à qualidade do adversário. Você também deve ter ouvido hoje, no início do programa, que a primeira coisa que a gente conversou com o Lucianinho foi descontar um time que não está no abecedário do futebol. Então, eu creio que a gente não está superestimando o que o Internacional fez ontem, independentemente do adversário, o Inter foi bem. O teste vai ser agora o Atlético – PR, que é muito mais time do que o Ituano.

Mensagem de ouvintes: “Me parece que o Vitinho é uma joia rara. Se for bem trabalhado pode até ir para a seleção e jogar em times tops da Europa. Vocês não acham isso?”, Eduardo, de Esteio.

Maurício Saraiva: Ele foi convocado recentemente para a seleção que seria a olímpica, pelo Gallo. Ele é um jogador que tem idade olímpica, que tem todo o potencial para ser um grande atacante. Estava dispersivo, uma parte disso é a mudança do treinador, que mexe com todo mundo, e a outra parte é a consciência do próprio jogador. Vamos levar um outro exemplo, Anderson, Lucianinho. Se o Anderson não quisesse ser recuperado, você pode colocar uma equipe médica, uma equipe psiquiátrica em torno dele. Se ele não tiver disposição não vai adiantar nada.

Luciano Périco: Valeu, Maurício. Vamos para o intervalo.

Luciano Périco: Maurício, o Roger não deixou claro que o Fernandinho vai jogar, mas pode ser, não é?

Maurício Saraiva: Roger está levando a sério meritocracia, que é a melhor coisa que pode acontecer para um trabalho render, você vai por mérito, um cara está bem, joga. E é assim em qualquer setor da vida, em qualquer profissão. Está bem o Fernandinho, no momento melhor do que o Pedro Rocha, não é um acidente de percurso, já é uma série, uma evolução em andamento, do outro lado até estagnou ou regrediu, aí o merecimento é de quem está passando. No momento, não é para sempre. O Fernandinho, se começar titular contra a Ponte Preta, é justo. Mérito de quem evoluiu e tem o velho e bom fator 5 a 0, que faz o Fernandinho marcar um gol e dar passe para outro. O fator Gre-Nal estava no Beira Rio ontem. Quando entrevistaram torcedores, eles disseram: “Fizemos dois e não tomamos gols”. O susto

ainda estava presente lá. Então, para o pior e para o melhor, o fator Gre-Nal será determinante por um longo tempo. (Comentário Maurício Saraiva – 21/08/2015)

O comentário selecionado apresentou a interação habitual entre Maurício Saraiva, apresentador, repórteres e ouvintes por meio de aplicativos eletrônicos, centralizando a temática em torno de assuntos da Dupla Gre-Nal, conforme as condições de produção já exploradas no estudo de Farina (2015).

O primeiro mito identificado é referente à preferência entre o zagueiro Erazo e o volante Maicon, externada por Saraiva em favor do segundo. O mito encontra-se na justificativa de que o fato de Maicon ser capitão da equipe e apresentar capacidade de liderança seriam atributos de referência em sua atividade. Esses aspectos podem ser considerados valores simbólicos, tendo em vista que a faixa de braçadeira e o perfil de liderança representam mais do que simples protocolo destinado a um jogador de futebol, mas, também, suscita a significação imaginária de um personagem digno de receber idolatria de seus seguidores, no caso, da torcida do Grêmio, considerando o caráter lúdico e de propensão ao mito, adotado pelo futebol e estereotipado no perfil da mídia, segundo avaliação de Barbeiro e Rangel (2013). Essa convenção da representatividade do capitão da equipe é uma associação consagrada do meio, podendo ser equiparada a um ritual mítico, conforme características levantadas por Armstrong (2005), de modo que consiste em uma ação de significado simbólico abstraído e consolidado na comunidade, com formalização diferente do sentido concreto limitado ao campo de jogo.

O próximo assunto retratado por Maurício Saraiva, em diálogo com o apresentador Luciano Périco, recai sobre a opção escolhida pelo técnico Argel de se adotar a realização de treinos pelas manhãs. No argumento central defensor da ideia exposta pelo jornalista está a qualificação do referido turno de treinos como uma opção necessária devido à suposta falta de consciência profissional dos atletas. Nesse discurso, está incluso mais um estereótipo simbólico de senso comum, fruto de uma significação mítica, que caracteriza o jogador de futebol como pouco responsável com sua rotina de compromissos. Transmite a percepção alheia de que o atleta como celebridade representaria um ser superior, estando acima de seus outros pares sociais e, por isso, teria condições de vida supostamente mais favorável que o restante da sociedade, desfrutando de vida agitada à noite e dispensando o comprometimento e condicionamento físico indispensável para a participação nos treinos. Essa definição simbólica vai ao encontro da metaforização do futebol como espetáculo, sintetizada por

Barbeiro e Rangel (2013), devido ao enorme contingente de público espectador do esporte e quantidade de cifras movimentadas pela atividade. Mais uma vez, o sentido literal do ramo acaba sendo minimizado pelos rituais de engrandecimento e idolatria aos personagens do esporte em questão. Esse sentimento oriundo da linguagem mítica é cultivado e propagado pela mídia que, em muitos casos, faz uso de abordagens discursivas diferenciadas sobre os personagens do meio, enfatizando a abstrata característica de heróis e protagonistas da definição da identidade social nacional. Esse patamar engrandecido do esporte como negócio e evento de grande glamour, em comparação com a singularidade e literalidade da prática do futebol no campo de jogo, reflete a materialização de um significado cultural introduzido pelo mito, condizendo com a reflexão teórica de Campbell (1995).

Em outro momento do comentário, Saraiva relaciona a queda de rendimento de Pedro Rocha com sua baixa idade. Essa conexão simbólica traz implícito o significado abrangente, de grande incidência social, e que constrói muitos estereótipos sobre o perfil da juventude, abordando a referência de talentos promissores e sujeitos a lapidação, mas, agregando a suposta incipiente maturidade em seus exercícios profissionais. Esse sentido abstraído é amparado por rituais na análise genérica dos jovens jogadores, de modo que, tanto torcedores quanto comentaristas compartilham o sentimento de que atletas de pouca idade precisam ser tratados com todo e precioso cuidado. Em muitas das construções argumentativas, as atribuições técnicas dos atletas seguem em segundo plano, já que a simbolização da conduta dos mesmos ocorre por meio dos estigmas generalizados e resultantes dos ideários dominantes no contexto cultural esportivo. Apesar da pouca tangibilidade de aprofundamentos específicos dessa versão mítica, essa caracterização inclui um ângulo menos mecânico ao avalizar o futebol e seus desdobramentos, relacionando aspectos da vida e reações sensoriais, que podem ou não contribuir para o aprimoramento das gerações. Essa concepção traduz, na prática, a humanização nas técnicas de interpretação do mundo, em comparação com os outros modos de assimilar a realidade, segundo conceitos associados a religiosidade, conforme Eliade (1992).

Em outro trecho da opinião, indagado por ouvintes, Saraiva discorre sobre as capacitações dos adversários do Internacional e os compara, relacionando com a própria aparente circunstância futebolística do clube colorado. Como resultado dessa conexão de ideias e correlações, surge o significado mítico – mais uma vez podendo ser

deslocado do eixo esportivo, e interpretado sob a ótica de analogias com a sociedade. O entendimento simbólico perpassa a percepção de disputas acirradas e concorrências com adversários por posições de destaque dentro de um determinado universo. Esse senso de rigor nas concorrências, e comum no meio futebolístico, é um valor bastante frenético no mercado contemporâneo, o que traz uma concepção amplificada e expandida, se comparado com o termo de conduta básico do esporte, em que a busca por vitórias não é o principal e norteador objetivo. Esse significado abstraído representa o pensamento e o sentimento dominante de torcedores e imprensa, contribuindo para a metaforização das situações dos clubes, produzindo comparações com o cotidiano completo. O comportamento de simbologia dos obstáculos futebolísticos dos clubes, com suas disputas expandidas e inferidas ao contexto social, reflete a importância demasiada dos mesmos para sua comunidade e está diretamente vinculado ao mito da paixão clubística, intensificando o grau de importância dessas instituições e seus desafios cotidianos na vida diária.

5 Considerações Finais

A aplicabilidade do pensamento mítico como instrumento de interpretação dos fenômenos adjacentes ao segmento esportivo demonstrou uma gama de simbologias, que introduzem ao futebol funções e relações sociais diferentes daquelas previstas em seu sentido concreto e delimitado. A materialização do cotidiano e forte vínculo do futebol na rotina de muitos de seus torcedores, ouvintes e, também, dos jornalistas responsáveis pela reprodução midiática da prática, atribui símbolos da vivência humana, na significação mútua do fenômeno.

Tanto a paixão clubística, quanto a relação cotidiana com as instituições, assim como envolvimento nos estádios e transformações de práticas literais do campo ou do evento – como a preocupação desmedida da torcida ou estereotipização do perfil dos atletas na figura de celebridades – transforma o que, em sua concepção de origem, era apenas um esporte, em um fenômeno de interação em processos de significação mútua com a sociedade contemporânea.

Por mais que o foco desse trabalho tenha sido o conhecimento mítico e sua aplicabilidade, a tradição dos estudos culturais e sua abrangência como método de estudo interdisciplinar nas ciências humanas estabelece parâmetros para a interação e incorporação desses símbolos míticos ao circuito da cultura, tendo em vista que esses

comportamentos e vertentes de pensamento, quando introduzidos no meio passam a compor o conjunto de práticas sociais e culturas vividas. Desse modo, esses símbolos míticos desconstruídos nesse trabalho podem admitir eficácia na exploração de condições de recepção e sua interação com o ato da absorção das mensagens recebidas.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARBEIRO, Heródito; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARBERO, Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARINA, Marcelo Bernardes. **Coerência opinativa dos comentaristas esportivos da Rádio Gaúcha**. Porto Alegre: ESPM-Sul, 2015.

FONTOURA, João Paulo. **A Paixão clubística no Rio Grande do Sul: Um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2014.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso**. Cascais: Princípia, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros Radiojornalísticos: Análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: Comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

TAVARES, Mariza. **Manual de Redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.